Boletim Informativo

Julho/Dezembro 2009 Distribuição Gratuita

companhia de dança contemporânea de ANGOLA



Sombras, rituais e afectos

Nº2

Editorial

Neste segundo número do Boletim Informativo da CDC o destaque será, naturalmente, dado à nossa temporada realizada no mês de Setembro com a obra original ***Peças para uma sombra iniciada e outros rituais mais ou menos***.

Ancorado na tradição angolana e produto de um profundo trabalho de investigação sobre elementos distintos da nossa cultura patrimonial, este espectáculo introduziu, pela primeira vez em Angola, a chamada dança inclusiva.

O que é a Dança Inclusiva?

A dança inclusiva faz a abertura para outro tipo de corpos, comprovando que as pessoas com deficiência (motora ou outra) não devem ser marginalizadas nem olhadas como incapacitadas ou inutilizadas. Ao envolver o corpo, a dança inclusiva, que integra pessoas com e sem deficiência, vai permitir a interacção entre indivíduos diferentes, explorando os seus limites e os diferentes padrões corporais e físicos, numa procura permanente de possibilidades motoras e artísticas para o desenvolvimento das suas potencialidades.

Sendo Angola um país com elevadíssimo número de portadores de deficiências físicas onde estas pessoas são ainda vistas como incapazes, a dança inclusiva não só contribui para o aumento da sua auto-estima e valorização, como é a prova de que estes indivíduos possuem outras capacidades, dando-nos a descobrir outras possibilidades físicas e de comunicação.

No dueto que integrou o espectáculo de Setembro, foi valorizado o diálogo com a intenção de propor ao público e à sociedade uma aprendizagem através das nossas próprias diferenças e semelhanças.

Este aspecto remete-nos para um outro assunto em que gostaríamos de insistir e que nos continua a preocupar que é a partilha de uma definição de dança mais abrangente. A velha fórmula que une indissociavelmente a dança à música e à transmissão de sentimentos está desactualizada, bem como a ideia de que ela é restrita a um único padrão físico ou técnica. De igual modo aquilo que é considerado dança num determinado contexto social ou cultural, pode não o ser em outro.

O que é então, a dança e o que é dançar?

Tendo em conta que não existem fórmulas para tudo, interessa dizer que uma definição da Dança deverá atender ao facto dela ser uma actividade de motricidade exclusivamente humana, cujo elemento de sustentação é o movimento corporal e onde existe sempre uma intenção (mais ou menos explícita) de comunicação. É importante considerar-se que, para além do contexto artístico, a dança inclui outras presenças e abrangências como sejam: o ritual, o social, a terapia, a integração social, a catarse, a educação, a formação, o lúdico ou a recreação. Por outro lado, e para uma enunciação completa não se poderá excluir o âmbito sócio-cultural e político desta forma de expressão.

Dançar será, então, materializar e veicular através de padrões de movimento estruturado – com ou sem o suporte de outras linguagens artísticas – a essência de todos e de cada um destes lugares de desdobramento da dança.

Pela mão da Companhia de Dança Contemporânea está lançado, agora também em Angola, um novo desafio para a dança.

Saudações Coreográficas!

COMPANHIA DE DANÇA CONTEMPORÂNEA DE ANGOLA

Directora Artística



Ana Clara Guerra Marques

Assistente de Direcção



Nuno Guimarães

Bailarinos



Adilson Valente



André Baptista



António Sande



Armando Mavo



Benjamim João



Cemi Diamoneka (Percussionista)



Divaldo Nunes



Samuel Vilarinho



Zuni Kurty

Produtor Executivo



Jorge António

Gabinete de Imagem e Divulgação



Rui Tavares

Propriedade - Companhia de Dança Contemporânea de Angola
Direcção: Ana Clara Guerra Marques
Coordenação: Jorge Antonio
Paginação/Grafismo: Rui Tavares
Fotografias: Arq.CDC (foto capa), Cassia, Malocha e Raul Boze
Telefone: (00244) 926091954
Email: info@cdcangola.com
Web: www.cdcangola.com
Tiragem: 1000 ex.

O sentido do afecto reiterado no palco do Teatro Nacional


Foto: Raul Boze

Por : José Luís Mendonça

Com "Peças para uma sombra iniciada e outros rituais mais ou menos", a Companhia de Dança Contemporânea de Angola projectou durante sete noites sobre o palco do Teatro Nacional Chá de Caxinde a imensa e subtil ontologia do afecto, esse sentido que nos fica além dos cinco usuais e muito mais para lá do da intuição e até daquele que nos revela o que o sonho não sabe dizer. Ana Clara Guerra Marques, coreógrafa e directora artística deste espectáculo inédito no nosso ambiente cultural, arrumou um conjunto bem uniforme e bem contrastante de meios humanos e técnicos para levar ao palco um ritual de dança sagrado e ao mesmo tempo profano, já que conseguiu unir no mesmo gesto rítmico o espírito da máscara e a química inefável da sombra, numa plástica para ser sorvida com a alma já a diluir-se no fogo das sensações que promana de todo o corpo semi-nu. Depois da sombra acesa, essa plástica de sensações desdobra-se num cenário de mil actos, onde a expressividade simbólica da devoção ao próximo é capaz de arrancar a ferros a nossa emoção mais reservada. Dançar assim por dentro de uma sombra iniciada e os rituais que se lhe agregam faz tremer o coração e faz cair dentro duas ou três lágrimas daquele inexplicável desejo de viver o oitavo sentido: o do afecto. Quando no palco ondulam esses deuses de carne e osso, sentimos a pele arrancada a exímios golpes de estilete cinético, que mais não são do que a composição plástica "de quem somos", no outro mundo poético, mas real, de Fernando Pessoa. Corpos, gestos, ritmos, olhares, secreções finais, toda uma ontologia da sombra aferida à experiência do ser humano é-nos induzida pelo mais-velho David Mwa Mudiandu, que iniciou Ana Clara nos arcanos da Cultura Cokwe. Mas quem inicia o público na trajectória mítica entre as origens e a contemporaneidade da dança é o Mukixi wa Cihongo, João Mwa Cilengo, aquele de quem se pode dizer capaz de materializar a verdadeira ciência de voar com os pés no chão. Da Companhia de Dança Contemporânea de Angola desembarcaram em palco os bailarinos Adilson Valente, António Sande, Benjamim João, Divaldo Nunes e Zuni Kurty. A estes juntaram-se os bailarinos do Grupo Yaka, André Baptista, Armando Mavo, Samuel Vilarinho, os percussionistas Abraão Kumba, Cemi Diamoneka e a própria Ana Clara. Especialmente convidada da Companhia Dançarte destacou-se a bailarina Rossana Monteiro que contracenou com Cemi Diamoneka naquele acto de gravidade afectiva em torno de uma cadeira de rodas, à luz de uma melodia descida das escadarias galácticas. O que se move em palco é todo um mundo antevisto nos desenhos de Nuno Guimarães, a partir do material da exposição de Mário Tendinha "Contos da Oratura Angolana dos Ogros e do Fantástico", pintura feita sobre dez telas gigantes com personagens das estórias, às quais Ana Clara e a sua equipa de trabalho deram movimento. Foi, antes, "uma reciclagem", no dizer desta senhora bailarina que começou a dançar aos 8 anos. "Os jovens deram a interpretação das telas, porque o bailarino não pode ser uma máquina de repetição", vaticinou Ana Clara, cuja missão principal consistiu em "moldar o barro", já que acha fundamental que os bailarinos sejam criativos, "eles dão a carne e depois eu ponho o esqueleto, a espinha dorsal". E foi assim que se passou este espectáculo de dança, com estórias da nossa tradição, sobre as quais o próprio público "cria as suas estórias", assim, como um romance aberto, ou como aquele menino que vai para a iniciação na Mukanda e depois acontecem várias coisas, uma aprendizagem sofrida. Mas, o que seria a vida sem sofrimento?


Foto: Raul Boze

Sombras, rituais



Foto: Raul Boze

Já se passaram mais de 20 anos desde que mergulhei profundamente no estudo da cultura angolana tendo, por motivos académicos e de opção pessoal, circunscrito o meu objecto de estudo às danças de máscaras e seus distintos contextos.

Assunto proibido às mulheres, nele me "iniciei", numa espécie de transgressão, pela mão do meu mestre David Mwa Mudiando. Perto dele, passava tardes sem fim no Museu de Antropologia, ouvindo-o contar as histórias que ele herdara, sobre as personagens de um fantástico tão aterrador como fascinante, mas também sobre as máscaras, as suas verdades, as mentiras e os medos.

E à medida que ele me confiava a sua vivência, eu escondia as minhas emoções em imagens privadas, processando apenas aquilo que me era exigido apresentar em forma de tese e de artigos científicos, verdadeiros amontoados de letras em palavras rebuscadas. Centenas de páginas com descrições, fundamentações, metodologias, hipóteses e conclusões sobre o que vira, ouvira e vivera foram escritas, destruídas, reformuladas, defendidas.

Em paralelo, gesto após gesto, passo após passo, dia após dia, fui aprendendo como se dança dentro das máscaras e ouvindo, de outros homens iniciados, as suas experiências.

Anos depois, regresso à coreografia (do grego, "escrita da dança") para 'escrever' uma nova tese, desta vez organizada em formato não convencional, num exercício de partilha e reflexão sobre alguns dos muitos procedimentos, ocorrências e resultados de um longo processo de investigação.

A solidão do trabalho de campo; a entrevista como instrumento de pesquisa e a curiosidade como motivação. O objecto de estudo que nos surpreende e assusta. A aproximação, por vezes difícil e as divagações que escapam ao investigador que as anota (quase em segredo) no seu diário. Depois, as histórias que se ouvem, os mitos, os tabus e uma infinidade de personagens que povoam a mente de quem quer e não quer ver tudo revelado.

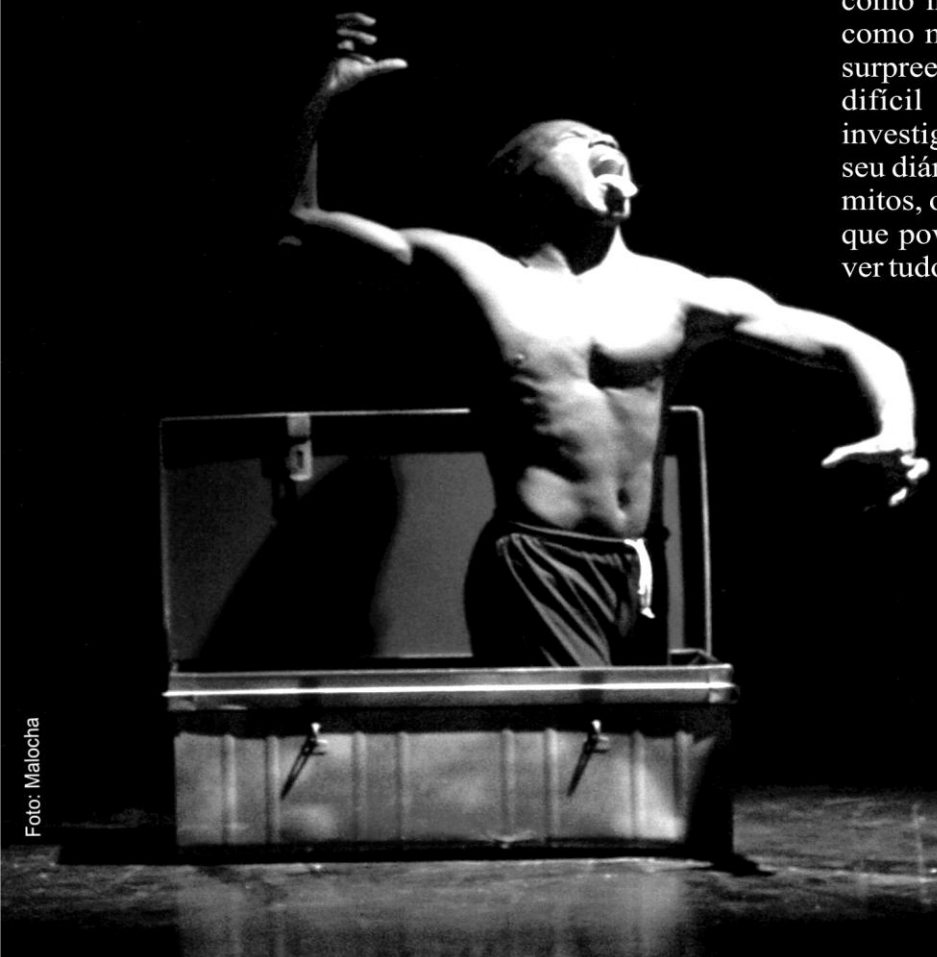


Foto: Malocha

e afectos

Entramos no universo das sombras, dos ogros, dos sonhos que se dissipam com os rituais de iniciação, enquanto outras inquietações sobram para nos perseguirem durante toda a vida. Um olhar sobre o que há de mais profundo no saber da tradição oral, mas também no íntimo de cada um de nós.
Sobre a insegurança da infância e a rebeldia da adolescência existe a mão do saber que nos afaga e alenta, muitas vezes sem sucesso, perante a imagem da máscara que, ao ultrapassar o domínio da matéria, pretende transcender o humano. Revelando uma outra identidade, esta "sombra" viva exige e testemunha o respeito pelos seus poderes e pelos rituais em que desafiamos os nossos temores, correndo os riscos que nos são impostos. Através deles mudaremos de estatuto e renasceremos.


Foto: Raul Boze

As emoções e os conflitos – onde corpos simples e corpos complexos, metamorfoses e mutações decorrem de provações que é preciso vencer para sermos aceites como novos, puros, mas diferentes – voltam a ser tema da Companhia de Dança Contemporânea de Angola. Apresentando um outro lado do trabalho de campo, a CDC propõe, no espectáculo ***PEÇAS PARA UMA SOMBRA INICIADA E OUTROS RITUAIS MAIS OU MENOS***, uma alternativa (não menos científica) de investimento para o produto da investigação.
Descobrem-se outras "máscaras" físicas, sociais e outros rituais: os mais ou menos, ou aqueles que se alicerçam num contexto actual e urbano; os 'mais ou menos' são ainda aqueles que nos iniciam no plano das emoções e dos sentimentos onde, em cada dia se visitam novos desconhecidos e se inauguram novas sombras.
E há sempre um afago que insiste, actualizando a tradição, um suporte inevitavelmente contemporâneo em todas as transições.

Ana Clara Guerra Marques, Luanda / 2009


Foto: Raul Boze

CDC RECEBE O COREÓGRAFO E BAILARINO LUÍS DAMAS

A convite da CDC e no âmbito da cooperação entre esta companhia de dança e o Instituto Camões, esteve em Angola o bailarino e coreógrafo português Luís Damas, para uma residência artística entre os dias 30 de Setembro e 10 de Outubro, que teve lugar no Clube Naval de Luanda onde se encontra sediada a Companhia.

A sua estadia em Angola é parte integrante da estratégia de formação e intercâmbio artístico que a CDC pretende implementar para o incremento do nível técnico e profissional dos seus bailarinos.

Numa acção de partilha, a CDC organizou, com a direcção da Escola Média de Dança do DINFA do Ministério da Cultura, um programa de trabalho para os alunos e, em parceria com o Instituto Camões, foi realizada no Auditório Pepetela uma palestra no dia 9 de Outubro pelas 18.00 Horas, aberta ao público, visando em particular todos os praticantes e integrantes dos diversos grupos e outros colectivos de dança.

Sobre Luís Damas:

Entre 1982 e 2001 Luís Damas dançou no Ballet Gulbenkian onde foi 1º bailarino. Em 1996 ganhou o 1º Prémio de Interpretação e Medalha de Ouro no "The 2nd Japan International Ballet and Modern Dance Competition. Trabalhou com diversos coreógrafos de renome, entre os quais V. Wallenkamp, O. Roriz, J. Kilian, C. Bruce, L. Falco, P. Taylor, R. Pederneiras, G. Ismailian. Foi professor convidado na Faculdade de Motricidade Humana em Lisboa, onde criou a Companhia de Dança da FMH. É autor/realizador premiado de diversos trabalhos na modalidade de videodança.

Como coreógrafo assinou diversos trabalhos, entre os quais "Saudade", "Formas", "Passagem", "Metamorfoses", "Visão" e "Pés nus sobre a terra sagrada".

Como professor, Luís Damas tem dirigido diversas aulas, cursos e *workshops* em Portugal e no estrangeiro.


Foto: Cassia


Foto: Arq. CDC

Pina Bausch
(1940-2009)

"*Depois de constantemente olhar o meu trabalho, não é o real nem a sua representação, mas uma reconstrução sabotada. Faço peças que não traem o que se passou mas protegem-no entre o real e a sua representação. Há uma terra de ninguém e o meu trabalho situa-se aí*", diz Pina Bausch referindo-se ao seu trabalho, de onde se destacam as peças *Sweet Mambo*, *Agua Masurca de Fogo*, *Palermo Palermo*, *Viktor*, *Café Müller*, *Kontakthof*, *Barba AzulArien*, entre tantas outras. Nascida em 1940, na cidade de Solingen na Alemanha, Pina Bausch abriu novas fronteiras para a dança universal ao criar a chamada dança-teatro como resistência ao conservadorismo do ballet clássico e da dança moderna e onde explora as possibilidades expressivas do realismo.

Inicia os seus estudos em 1954 com Kurt Joss e José Limón e prossegue a sua formação nos EUA. De regresso à Alemanha torna-se bailarina do Folkwang-Ballett, onde se inicia como coreógrafa com a peça *Fragment* (1968), assumindo igualmente responsabilidades de direcção artística e pedagógica.

Em 1973 é nomeada directora do Ballet der Wuppertaler Bühnen, mais tarde designado Tanztheater Wuppertal, a sua companhia.

Para Pina Bausch, mais importante do que a forma como as pessoas se movem, era o que as leva ao movimento. No palco, os seus bailarinos contam, de forma crua e caótica, as suas histórias, a história do próprio corpo, um corpo protagonista das relações, do destino e da condição humana.

Apelando permanentemente à metamorfose e transformação do gesto, as suas coreografias reflectem a sua grande carga emotiva que revela também na catástrofe, ruína e agonia social por ela abordadas.

Aos 30 de Junho de 2009, Pina Bausch morre na cidade de Wuppertal aos 68 anos.


Foto: Donata Wenders

Merce Cunningham
(1919-2009)

Nascido em 1919 em Centrália, nos EUA, Merce Cunningham é o precursor da dança contemporânea, ao fazer a ruptura com a chamada *Modern Dance* e abrindo horizontes para a dança pós-moderna.

Estuda dança clássica em Seattle tornando-se, entre 1939 e 1945, bailarino solista na companhia de Martha Graham, um nome incontornável da dança moderna norte-americana, mas cujos cânones Cunningham vem a contrariar.

Em 1944 realiza o seu primeiro trabalho em conjunto com o compositor musical John Cage com o qual passa a desenvolver um trabalho permanente.

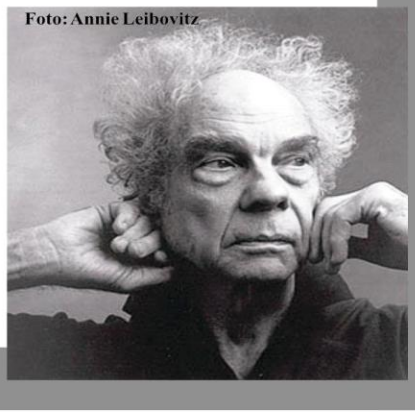
Em 1953 funda a Merce Cunningham Dance Company com a qual constrói um vasto repertório que conta com peças como *Septet*, *Rainforest*, *Un jour ou deux*, *Duets*), *Summerspace*, *Points in space*.

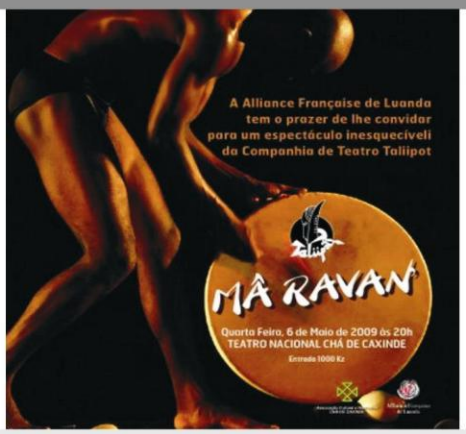
No contacto com o livro de adivinhação chinesa *I Ching*, baseia o seu processo de "criar ao acaso" no qual, partindo de sequências aleatórias vai aglutinando passos e construindo frases.

Para Cunningham todos os pontos no espaço têm o mesmo valor, contrariando a ideia de que o centro é um ponto fixo e o mais importante. Esvaziando os gestos quotidianos do seu sentido e conteúdo, defende o movimento puro e um corpo que deve mostrar todas as suas possibilidades de movimento que considera infinitas. Para ele, nenhuma linguagem se deve sobrepor a outra devendo existir, entre elas, uma relação livre.

Coreógrafo inovador, Merce Cunningham não é indiferente às novas tecnologias introduzindo, a partir dos anos 70, a utilização de vídeo. Nos anos 90 utiliza programas digitais de simulação virtual de movimentos – *Lifeforms* – como se pode ver em *Biped* (1999)

No dia 28 de Julho de 2009, Merce Cunningham morre em Nova York, aos 90 anos.

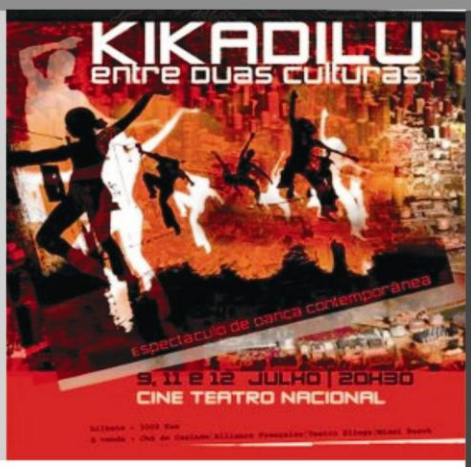

Foto: Annie Leibovitz



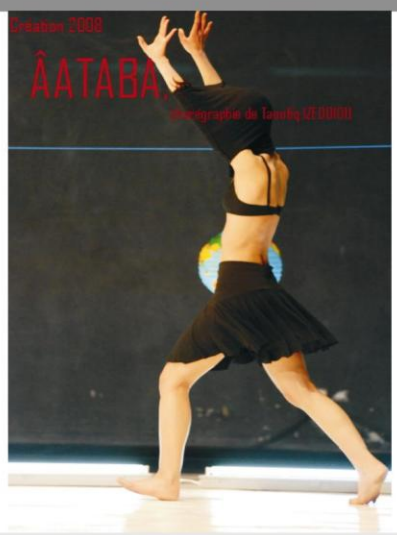
No âmbito de uma *tournée* pela África Austral e a convite da Alliance Française de Luanda, a Companhia de Teatro **TALIIPOT** apresentou, no dia 6 de Maio de 2009, às 20H00, no Cine Teatro Nacional, o espectáculo ***Ma Ravan*** com coreografia de Philippe Pelen Baldini. Esta companhia francesa, radicada na Ilha da Reunião (Oceano Índico), reúne artistas das Ilhas Maurícias, Madagáscar, Reunião, Índia e Sri Lanka.
A peça, interpretada por quatro *performers*, articula dança, teatro e música de percussão e pretende levantar questões ligadas à identidade cultural e às miscigenações, utilizando como tema as origens, o exílio, as viagens e os distintos destinos dos africanos e seus antepassados.



A convite da Alliance Française, o coreógrafo sul-africano **GREGORY MAQOMA** apresentou no dia 31 de Julho, no Cine Teatro Nacional em Luanda, o espectáculo intitulado ***Beautiful me***.
Nesta peça criada no Centro Nacional de Dança de Pantin, em França, Gregory Maqoma inspirou-se no trabalho de três coreógrafos africanos, com universos distintos: Vicente Mantsoe, da África do Sul, que conjuga a dança tradicional e a contemporânea; Faustin Linekula, da RDC, que recorre à palavra para questionar o papel do artista na sociedade e no palco e Akram Khan, da Índia, o qual se move entre as danças indianas e as suas criações pessoais. Esta articulação de linguagens deu lugar a uma peça original que nos transporta numa viagem pelo mundo.
No seu solo, Gregory Maqoma foi acompanhado por quatro músicos, numa união entre o violoncelo, o violão, as percussões e a cítara.



Nos dias 9, 11 e 12 de Julho, a companhia angolana **DANÇARTE** realizou, no Cine Teatro Nacional, a sua temporada de 2009 com a peça ***Kikadilu***, numa tentativa de apresentar o fenómeno da simbiose cultural vivido em Luanda.
Com coreografia de Mónica Anapaz (e participação de Rita Oliveira), foram intérpretes Rita Oliveira, Mónica Anapaz, Salviano Salvador, Félix Alvarez, Beatriz Tchyamba e Erica Caldeira. O cenário e os figurinos foram criados por Daniela Ribeiro.



A convite da Alliance Française, a companhia marroquina de dança contemporânea **ANANIA** apresentou no dia 4 de Setembro, no Cine Teatro Nacional em Luanda, a peça ***Aataba*** do coreógrafo Taoufiq Izeddiou, com concepção musical da cantora oriental Guy Raynaud
A palavra árabe "Aataba" significa a porta e serviu de tema para uma criação onde se conjugam diversas identidades e contextos para exprimir o peso da religião e da sociedade; das danças tradicionais marroquinas e das várias línguas faladas nessa região; características desse país africano. Nesta obra pretende-se uma fusão entre as formas de dança ancestrais e modernas, questionando-se a existência de uma dança contemporânea marroquina.

PUB

CDC
ANGOLA

A Companhia de Dança Contemporânea de Angola, CDC, fundada em 1991 é a única companhia profissional do género em Angola.

A CDC pretende desenvolver e levar a dança contemporânea a toda a sociedade angolana.

Ajude-nos a manter uma nova dança numa nova Angola. Contribua e abrace este projecto para que seja o NOSSO PROJECTO.



Web: www.cdcangola.com Email: info@cdcangola.com